

Histórias do Modernismo

Mário de Andrade

Antônio de Alcântara Machado

Marques Rebelo

João Alphonsus

Aníbal Machado



Seleção e comentários

Ivan Marques

Ilustrações

Alê Abreu

Coleção

O Prazer da
Prosa



editora scipione

Gerente editorial
Sâmia Rios

Editor
Adilson Miguel

Editora assistente
Fabiana Mioto

Revisoras
Gislene de Oliveira
Nair Hitomi Kayo

Editora de arte
Marisa Iniesta Martin

Diagramador
Rafael Vianna

Projeto gráfico de capa e miolo
Homem de Melo & Troia Design

Iconografia
Rosa André



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE

Tel.: (0XX11) 4003-3061

www.scipione.com.br

e-mail: atendimento@scipione.com.br

2016

ISBN 978-85-262-7949-0 – AL

ISBN 978-85-262-7950-6 – PR

CAE: 251314 – AL

Cód. do livro CL: 737418

2.^a EDIÇÃO

3.^a impressão

Impressão e acabamento

Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

Atualização ortográfica e
edição dos textos
Adilson Miguel

Agradecemos à Biblioteca do Instituto de
Estudos Brasileiros (IEB-USP) pela colaboração
na pesquisa e na digitalização dos textos que
serviram de fontes para esta edição.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Histórias do Modernismo / Mário de Andrade... [et al.]; [atualização ortográfica e edição de textos de Adilson Miguel; ilustrações de Alê Abreu]; seleção e comentários de Ivan Marques. — São Paulo: Scipione, 2008. (Coleção O prazer da prosa)

Outros autores: Antônio de Alcântara Machado, Marques Rebelo, João Alphonsus, Aníbal Machado.

1. Contos Brasileiros 2. Modernismo – Brasil I. Andrade, Mário de, 1893-1945. II. Machado, Antônio de Alcântara, 1901-1935. III. Rebelo, Marques, 1907-1973. IV. Guimarães, João Alphonsus de, 1901-1944. V. Machado, Aníbal M., 1884-1964. VI. Marques, Ivan. VII. Miguel, Adilson. VIII. Abreu, Alê. IX. Série.

08-11511

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura brasileira 869.93

© José Maria Dias da Cruz e Maria Cecília Dias da Cruz, do conto “Na rua Dona Emerenciana”, publicado mediante autorização dos titulares. Todos os direitos reservados.



sobre esta edição

Na edição dos textos que compõem esta antologia, tivemos a preocupação de manter a maior fidelidade possível à intenção dos autores. Para isso, procuramos nos basear em fontes confiáveis (ver p. 94), limitando-nos a atualizar a ortografia e corrigir os erros evidentes. No conto “Nízia Figueira, sua criada”, mantivemos as grafias de alguns termos tal como Mário de Andrade fazia questão de usar. A pontuação e a sintaxe originais foram mantidas, mesmo quando divergentes dos padrões atuais de uso.





Sumário

Introdução

8

11

Nízia Figueira,
sua criada

Mário de Andrade

À margem da
modernização

32

35

Apólogo brasileiro
sem véu de alegoria

*Antônio de Alcântara
Machado*

Notícias do Brasil

42

45

Na rua Dona
Emerenciana

Marques Rebelo

A dura poesia
do subúrbio

56

59

Galinha cega

João Alphonse

Outra rua suburbana

70

73

O rato, o guarda-civil
e o transatlântico

Aníbal Machado

Surrealismo à brasileira

92

Referências
Bibliográficas

94

Introdução

No início do século XX, a arte ocidental sofreu um forte abalo com os movimentos de vanguarda que se espalharam pela Europa e em seguida para o resto do mundo. Mas a história do Modernismo começou bem antes. O que Marinetti definia como “beleza nova”, no primeiro manifesto do Futurismo, era algo que já vinha sendo pensado e experimentado desde meados do século XIX: na poesia, com Baudelaire, Rimbaud e Mallarmé, e na pintura, com Cézanne, Gauguin e Van Gogh, para citar apenas alguns exemplos. O período histórico das vanguardas vai de 1909 a 1930 (ano do segundo manifesto surrealista). Distanciando-se cada vez mais da visão realista, a estética moderna adquiriu nessa época concepções arrojadas e polêmicas: o simultaneísmo futurista, a deformação expressionista, a geometria do cubismo e da arte abstrata, as provocações da (anti) arte dadaísta, os sonhos dos surrealistas etc.

Essas “ideias novas” chegaram rapidamente ao Brasil — melhor dizendo, a São Paulo, metrópole industrial e cosmopolita que, em fevereiro de 1922, foi o palco da ruidosa Semana de Arte Moderna. Espalhando-se em seguida para outras regiões, o Modernismo constituiu um dos momentos decisivos de nossa história literária e a principal referência da literatura e da arte que se fazem ainda hoje no país.

Na década de 1920, o movimento teve um caráter fortemente destruidor, pregando a ruptura com os modelos acadêmicos. Verso livre, humor, temas cotidianos, a língua brasileira “sem erudição”, o “como somos”, o “como falamos”, “a contribuição milionária de todos os erros”, tudo isso foi trazido pelos modernistas.

Nessa *fase heroica*, as experimentações ocorrem em todas as áreas, especialmente na poesia. Já na década de 1930 — período que se convencionou chamar de *segundo Modernismo* —, esse lugar de destaque seria ocupado pela narrativa. Nas duas fases, mais do que a importação de estéticas estrangeiras, o que preocupa os escritores é a busca de uma *arte nacional*. Inicialmente, o Brasil é visto como um território mítico (*Macunaíma*, *Antropofagia*). No segundo momento, sobressaem as particularidades de cada região e os dramas históricos concretos. Mas o país, como se vê, está sempre no primeiro plano.

É o que comprova esta antologia, que reúne contos produzidos nos anos mais agitados do movimento (entre 1925 e 1930). Essas narrativas têm em comum a mistura do estilo coloquial com experimentações formais de diversas naturezas, em diálogo com o jornalismo, a estética cinematográfica, a música e o samba, entre outras linguagens. Também chama atenção a preocupação com a cultura brasileira e o “caráter nacional”, especialmente nos contos de Antônio de Alcântara Machado e Aníbal Machado. Nos demais, o tema comparece de modo oblíquo — mas não secundário —, com a ambientação das histórias nas periferias de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. É a modernização vista da perspectiva de suas vítimas: os habitantes do subúrbio pré-industrial, que despertam nos escritores a nostalgia do mundo rural, primitivo e, supostamente, mais feliz. Saudades do passado em escritores modernos? Sim, e é essa a riqueza do Modernismo brasileiro: suas contradições revelam os impasses do próprio país.

Ivan Marques



Arquivo Mário de Andrade / IEB

MÁRIO DE ANDRADE nasceu em 1893, em São Paulo. Formou-se em Ciências e Letras, cursou Filosofia e, em 1915, concluiu o curso de canto no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Sob o pseudônimo de Mário Sobral, publicou, em 1917, o seu primeiro livro de poesia, *Há uma gota de sangue em cada poema*. Foi uma das principais lideranças do movimento modernista. Morreu em São Paulo, em 1945.

Principais obras: *Pauliceia desvairada* (1922); *Clã do jabuti* (1927); *Amar, verbo intransitivo* (1927); *Macunaíma* (1928); *Os contos de Belazarte* (1934); *Contos novos* (1946).